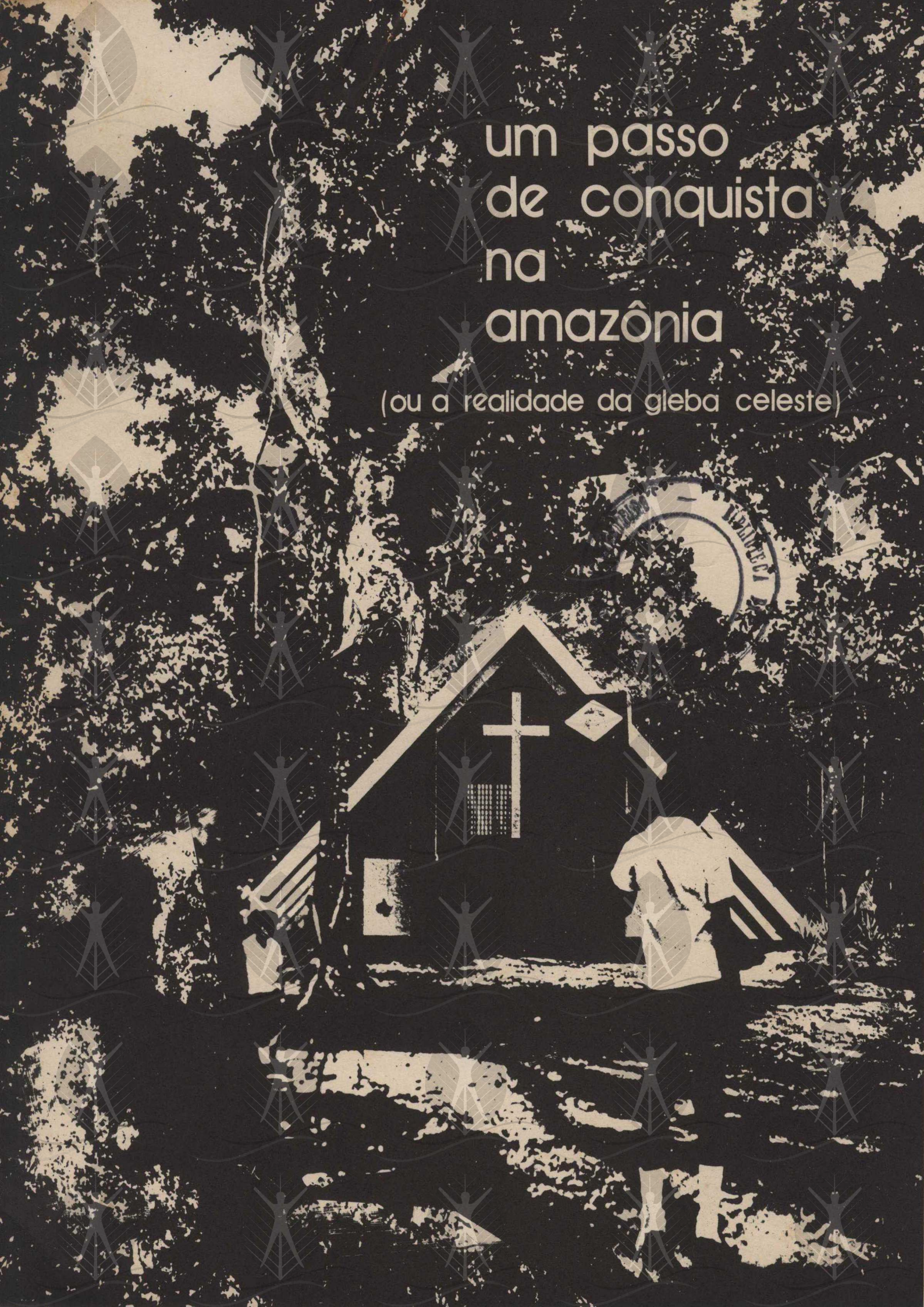



um passo
de conquista
na
amazônia

(ou a realidade da gleba celeste)





um passo
de conquista
na
amazônia

(ou a realidade da gleba celeste)

COLONIZADORA SINOP S.A.

Amaz
09/18

OS CAMINHOS DO FUTURO

Nas angústias da carência de espaços, geradores de preocupações mundiais quanto ao futuro do homem, o Brasil situa-se numa perspectiva excepcional.

A visão das imensas possibilidades do interior brasileiro estimulam caminhas para o Oeste, onde o destino nacional impõe, como imperativo, a ocupação de áreas continentais.

Ao fenômeno sociológico urbano das décadas recentes já se antevê a perspectiva da excitante aventura da ocupação territorial do Oeste, que culminará com o grande destino da conquista, pelo homem brasileiro, dos espaços físicos, ainda inexplorados, que nos caracterizam.

O quase universo amazônico começa a ser, no dia a dia de preocupação e trabalho permanentes, o convite à fascinante aventura de repetir-se, na atualidade, a saga da própria ocupação econômica brasileira, iniciada no Nordeste.

Em nenhum tempo, como agora, o brasileiro, viu, diante de si tão nítidas e claras, as possibilidades de integrar-se na aventura de poder criar um país do futuro.

Vencendo-se mitos, com muita crença no amanhã da nacionalidade, a experiência da **Gleba Celeste**, na rodovia Cuiabá-Santarém, é trazida como testemunho do nosso trabalho na Amazônia, que estamos ajudando a colonizar, para que seja o permanente pendão verde do território brasileiro.

UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA

A integração da Amazônia na dinâmica brasileira está hoje, colocada em termos de imperativo exigido pela consciência nacional e estimulada pelo interesse dos poderes públicos.

A partir desse consenso impunha-se a busca de fórmulas para atingir-se o objetivo da conquista dessa vastidão.

No imenso esforço desdobrado, procurou-se observar a liberdade da iniciativa pioneira apoiada por forte complexo de estímulos gerados pelo Governo Federal, através da construção de infra-estrutura de obras e de serviços, que já estão se constituindo em garantias do êxito dessa dominação territorial.

O Decreto Estadual do Governo de Mato Grosso, nº 2.320, de 20.01.56, permitiu-nos adquirir, de particulares, uma área de aproximadamente 369.017,10 ha, em região de florestas do norte matogrossense.

Um pedaço de papel, com timbre oficial, significava convite à Colonizadora SINOP S.A., com mais de uma vintena de anos de experiência, a participar da excitante saga amazônica.

QUEM SOMOS

O desafio que tínhamos diante de nós, como empresa colonizadora, adquiria os contornos de um novo passo — embora gigantesco — para quem formara os municípios de Terra Rica, Iporã, Formosa D'Oeste e Ubiratã, no Paraná.

Colonizamos florestas que, então, cobriam 301.774,00ha. Nessa extensão surgiram cidades que, agora, pontilham a face geográfica paranaense, atestando, na vitória dos então pioneiros que acreditaram na aventura da conquista da terra nova, o êxito consagrador de uma luta histórica.

Naquelas áreas plantamos as Glebas "Sinop"; "Atlântida", "Rio Verde" — 1 e "Rio Verde" — 2.

Na primeira, a colonização desenvolveu-se constituindo o atual Município de Terra Rica, que, além da sede, situada na cidade do mesmo nome, tem, ainda, as de Itapuã e "Adhemar de Barros". O Município conta com população rural de 20.000 habitantes, sendo a urbana de 5.442 habitantes, com 203 estabelecimentos comerciais, duas agências bancárias, 4 hospitais, uma unidade sanitária estadual, 41 escolas primárias, 3 secundárias, uma biblioteca pública, 108 estabelecimentos industriais de caráter agrícola, clubes recreativos, culturais e beneficentes. Há um número de 6.912 eleitores.

A distribuição da terra conta com cerca de 1.000 propriedades entre 0,5 e 1 alqueire; 320 propriedades entre 10 a 20 alqueires, produzindo 500.000 sacas de café; 1.200.000 arrobas de algodão; 170.000 sacas de cereais e 145.000 cabeças de gado. O Município tem receita prevista em Cr\$3.432.052,90, para 1974.

Na Gleba "Atlântida" surgiu o Município de Iporã, cuja sede é a cidade do mesmo nome, e possuindo os Distritos de "Francisco Alves", Oroité, Rio Bonito, Cafezal, Guaiporã, Jangada e Nilza. Essas cidades floresceram seguindo planificação inicial da Colonizadora SINOP S.A. A cidade de Iporã está ligada por micro-onda, dentro do sistema da CONTEL-TELEPAR, possuindo rede de distribuição de água e energia elétrica, fornecida pela COPEL — Companhia Paranaense de Energia Elétrica. O Município tem população rural de 85.000 habitantes, contando com 23.128 eleitores; 600 estabelecimentos comerciais; 4 agências bancárias; 5 hospitais; uma unidade sanitária estadual. Sede de Inspeção Regional de Ensino, possui 103 escolas primárias, 3 secundárias, uma escola normal, duas bibliotecas, clubes recreativos, culturais e beneficentes. Sua área tem divisão de propriedade rural entre 10 e 20 alqueires, que produzem 1.000.000 sacas de café; 700.000 arrobas de algodão; 1.850.900 sacas de cereais; 75.800 cabeças de gado, ao lado de 83 indústrias de caráter rural.

O desenvolvimento colonizador determinou a criação do município de Ubiratã na Gleba "Rio Verde — 1", como consequência natural dos nossos trabalhos. A cidade de Ubiratã é a sede do Município, que conta com população rural de 60.000 habitantes, sendo a urbana de 20.000, com 11.230 eleitores; 480 estabelecimentos comerciais; 3 agências bancá-

rias, incluindo o Banco do Brasil; 170 indústrias rurais; 4 hospitais; 2 escritórios de agronomia; 58 escolas primárias, duas secundárias e uma biblioteca. Sua área está dividida em propriedades médias de 20 alqueires, aparecendo como principais distritos as cidades de Yolanda e Iracema, projetadas e construídas pela SINOP. O município de Uiratã tem produção de 460.000 arrobas de algodão; 650.000 sacas de cereais; 150.000 quilos de hortelã e 46.000 cabeças de gado.

Dentro da Gleba "Rio Verde - 2", surgiu, pelos nossos trabalhos, o Município de Formosa do Oeste, com seus prósperos distritos de Jesuítas (cogitado para sede de um novo Município que seria criado); Carajá, Iracema e São Paulo. Tem, globalmente, população rural de 60.000 habitantes e urbana de 11.700, contando com 12.650 eleitores.

Sua área está dividida em 1.566 lotes menores de 10 alqueires; 1.900 lotes entre 10 e 20 alqueires; 130 maiores de 20 alqueires, contando com 420 estabelecimentos comerciais; 180 indústrias de caráter rural; 3 agências bancárias, 3 hospitais, 52 escolas primárias, 3 secundárias, 4 bibliotecas, rede telefônica urbana e serviço de DDD. Sua produção econômica é, em síntese, de cerca de 800.000 sacas de café; 1.700.000 sacas de cereais; 5.000 quilos de óleo de girassol e mamona e 5.000 quilos de hortelã.

25 ANOS DE COLONIZAÇÃO

O mito do "norte-paranaense", que auxiliamos a construir em 25 anos de trabalho colonizador, modificou a vida e o destino de muitos milhares e milhares de pessoas, vindas dos quadrantes brasileiros e das latitudes do mundo.

Olhando para o passado, há toda uma história de trabalho abnegado, de pioneirismo, de coragem e de afirmação da gente que somou conosco e que testemunha, agora um quadro do que a SINOP fez nesse tempo na área que tínhamos para colonizar:

1,2	— Habitantes rurais por alqueire, ou seja:
1	— Habitante por 2,42 ha.
Uma	— Agência bancária para cada 16.110 habitantes;
Um	— Estabelecimento comercial para cada 114,5 habitantes;
Um	— Leito hospitalar para cada 322,0 habitantes;
Uma	— Escola Primária para cada 586,0 habitantes;
Uma	— Escola Secundária para cada 10.416,7 habitantes;
Uma	— Indústria de caráter rural para cada 336,43 habitantes.

Pela nossa experiência colonizadora foi possível criar condições para o homem fixar-se, trabalhar a terra, construir cidades e marcar, pela prosperidade, uma contribuição à economia brasileira.

O FASCÍNIO DAS IMENSIDÕES

Sempre estivemos conscientes de que uma empresa colonizadora tem, para justificar sua própria existência, a necessidade de render-se à fascinante aventura de criar. No desafiante sentido de buscar soluções para auxiliar o espírito de conquista e de pioneirismo, inato na condição humana, tínhamos, diante de nós, dois fatos concretos: nossa experiência e o desejo nacional da ocupação amazônica. Nos termos dessa equação estava, porém, a realidade da aventura da colonização. Sentíamos que a SINOP, diante do problema, se identificava com toda a imensidão de situações com as quais já se defrontara ao criar tantas cidades no interior brasileiro.

Os 369.017,10 ha, que passaram a ser o desafio lançado, dentro de nossa identificação de concorrer com os propósitos nacionais de presença efetiva na Amazônia, apresentavam várias vantagens. O Governo Federal constrói em tempo recorde, a CUIABÁ-SANTARÉM.

Na direção Norte-Sul do país a estrada apresenta boas características técnicas, do ponto de vista de capacidade e intensidade de tráfego. Tendo cerca de 1.600 quilômetros, mantém, em todo trecho, condições que garantem trânsito normal a qualquer tempo.

Há animadoras perspectivas de revestimento asfáltico devido, principalmente, à sua estratégica importância, já que se constitui na rodovia responsável pelo fluxo de todo o processo econômico e social dos Estados do Sul (nomeadamente São Paulo) para a vasta Região da Amazônia.

O espírito do traçado da CUIABÁ-SANTARÉM tem a força incoercível de rodovia de autêntico sentido de integração nacional, não somente pelas suas dimensões, mas pela circunstância de ser obra imantadora de áreas do autêntico interior brasileiro.

Terminando em SANTARÉM, a rodovia abre uma linha de perspectivas de comércio internacional, que é tanto mais expressiva, quando se sabe que diminui em cerca de 2.700 milhas marítimas as distâncias da produção econômica brasileira para os mercados mundiais de consumo.

A maior parte da CUIABÁ-SANTARÉM está concluída, faltando poucos quilômetros para sua conclusão. Além disso, já se encontra ligada com rodovias asfaltadas que de Cuiabá demandam a São Paulo, seja via Campo Grande ou via Goiás e Minas Gerais.

A partir dessa verdade começávamos a sentir que, na presença do Governo Federal, com obras como essa, a tarefa a que nos impúnhamos abria uma clareira de perspectivas animadoras para nossos propósitos de colonização.

AS ALTERNATIVAS DA CONQUISTA

A conquista da Amazônia, como trabalho nacional, apresenta um leque de opções de multiplicadas naturezas.

No que se refere à posse da terra e desenvolvimento das explorações, o trabalho tem sido marcado pela implantação das qualificadas "agropecuárias", ou seja, a presença de grandes empresas valendo-se de incentivos fiscais e desenvolvendo projetos, caracteristicamente, pecuários.

Vem ganhando intensidade, ultimamente, o processo de colonização, que se torna efetivo através da aquisição de grandes áreas ao longo da CUIABÁ-SANTARÉM, por parte de firmas especializadas. Estas, através de projetos específicos — devidamente aprovados pelo INCRA — executam os loteamentos, bem como a construção de toda a infra-estrutura social e econômica, imprescindível, aliás, para a fixação das populações.

Esse quadro de circunstâncias torna essa rodovia um acontecimento histórico muito característico e com peculiaridades próprias, que decorrem, fundamentalmente, do fato de que a colonização das áreas amazônicas, por ela cortadas, será feita pelo espírito de realização e de pioneirismo da iniciativa particular brasileira. Assim e conseqüentemente a CUIABÁ-SANTARÉM diferencia-se da TRANSAMAZÔNICA, onde a colonização se faz sob a tutela dos órgãos oficiais.

Nos estudos que procedemos sobre o problema arraiga-se, em nós, a certeza, de que, somente, a implantação de "agropecuárias", na CUIABÁ-SANTARÉM, não atende, na integralidade, aos propósitos da conquista amazônica. As tendências, facilmente observadas, de estímulos à colonização, fazem-nos crer que essa fórmula deverá, efetiva e realmente, ser a solução para a fixação de agrupamentos populacionais indispensáveis para a evolução da presença brasileira nessas vastidões.

UM NOME COMO ESPERANÇA

No feixe dessas alternativas, a Colonizadora SINOP S.A. entendeu como válida a opção de desenvolver projetos de colonização ao longo dessa rodovia.

Com sua experiência, conhecimento da terra e dos múltiplos valores que deveriam ser tabulados para que houvesse sucesso — igual a tantos outros — nesse empreendimento a que se lançava, adquiriu extensão territorial nas proximidades do quilômetro 500 da CUIABÁ-SANTARÉM.

Dando o nome de Gleba CELESTE a essa área, cuidou, desde logo, em elaborar e apresentar ao INCRA um projeto específico de colonização. Foi previsto o loteamento de terras em dimensões variáveis, circunstância que haveria de permitir o acesso à propriedade por parte de pessoas de pequenas posses, ou então, de grandes empresários.

A elaboração e a implantação do referido projeto foram cercados de cuidados especiais que garantem a fixação dos proprietários em condições adequadas de vida.

Para revelar o marcante objetivo social do empreendimento e cuidar de que a Gleba CELESTE fosse a realidade que a força dos 25 anos de nossa experiência teria que construir, passamos a rasgar estradas internas, cuidar dos problemas de assistência médico-hospitalar; dar atendimento social baseado no apoio da Igreja. Formamos centros comunitários; proporcionamos assistência educacional; estimulamos o cooperativismo e enfatizamos atenções no setor de técnica agrônômica, objetivando ao desenvolvimento das explorações das potencialidades da área.

Temos a esperança de que, na continuidade do trabalho colonizador da SINOP, na Gleba CELESTE, iremos assistir a uma cada vez mais crescente formação de núcleos populacionais — que já estão surgindo e que deverão determinar a auto-suficiência de produção, comercialização, consumo, e no futuro, o surgimento de pequenas e médias empresas industriais, como, aliás, já se verificou com as glebas que colonizamos no norte do Paraná.

LOCALIZAÇÃO DE UM FUTURO

A Gleba CELESTE, na qual a Colonizadora SINOP S.A está marcando presença na Amazônia, possui 369.017,10 hectares, localizando-se no Município de Chapada dos Guimarães, às margens da BR-163 (CUIABÁ—SANTARÉM), a 500 quilômetros de Cuiabá e a 1.100 de Santarém. (Vide Mapa em anexo, documento nº 1).

Esta rodovia já está ligando, permanentemente, a Gleba CELESTE à Capital de Mato Grosso, sendo transitável o ano todo.

A altitude média da área é de 450 a 500 metros, apresentando topografia levemente ondulada e com características hidrográficas marcadas, ricamente, com córregos, ribeirões e rios, todos perenes. O maior rio da região é o Teles Pires, em parte navegável, apresentando largura média de 100 metros, com vazão média estimada em 80 m³/s. É afluente do Tapajós, integrando-se, portanto, na Bacia Amazônica. a Gleba vai até às margens do Teles Pires e a cidade SINOP, principal núcleo populacional da região, situa-se a 18 quilômetros das margens do Teles Pires.

— A temperatura média mensal, no período de 16 meses, foi de 24^o centígrados.

A precipitação pluviométrica, em 1973, foi de 2.044 mm, que, aliás, está em consonância com os dados fornecidos pelos Atlas Climáticos, que dão pluviosidade anual entre 2.000 e 2.500 mm. Com relação à distribuição das chuvas, observou-se que chove, intensamente, de outubro a março. Em abril, maio e junho chove bem menos, havendo período de seca definido em julho-agosto. A partir de maio há pequena deficiência hídrica.

PLANIFICAÇÃO DA ÁREA

O Rio Verde foi, inicialmente, a via de acesso à Gleba CELESTE. Construímos perto de 80 quilômetros de estradas de penetração, lançando serviços de Engenharia Civil e Agrônômica. Reavivamos linhas de divisas abertas há mais de 20 anos, em plena selva amazônica. Picadas foram reconstituídas, procedendo-se o levantamento topográfico dos acidentes naturais. Colhemos as primeiras amostras de terra, para fins de análises e procedemos observações de caráter agrícola, que serviram de base para o primeiro perfil do projeto agrônômico. Esses elementos preliminares lastrearam as premissas do projeto depois apresentado e aprovado pelo INCRA e SUDAM.

O **Lote Rural** foi a célula motivadora do empreendimento. Sua projeção atendeu à função múltipla de trabalho e morada, não apenas pela técnica, mas, também, pelas tradições que indicam a necessidade de boa aguada (córregos e riachos) na propriedade, além de via de acesso fácil, que garanta o escoamento da produção. O gráfico, em anexo, permite idéia de como procuramos equacionar a questão (Documento nº 2).

O agrupamento de lotes, dentro de características topográficas, define setores, identificados como bairros e sua posição dentro do contexto geral da Gleba CELESTE. Estes bairros, aglutinados em redor de um centro urbano — o qual, por sua vez, é envolvido por

área de chácaras, ou área hortigranjeira — funcionam, se assim for necessário, dentro de uma variável de expansão urbana.

De outro lado, para induzir a zona rural à vida comunitária, foram feitas reservas de áreas para centro de convergência, destinado à movimentação social, religiosa, educativa (Documento nº 3). É, ainda, oportunidade para que, nas reuniões, seja organizado um órgão de produção (mútuo ou cooperativo). Com o mesmo critério procurou-se equipar os centros urbanos para uma vida comunitária.

Para a organização social, equacionamos soluções a curto prazo, na opção de uma cooperativa em moldes da Cooperativa Integral de Reforma Agrária, criando condições econômicas e psicológicas de uma corporação tutelada pela própria empresa colonizadora, que contribuiu com 1% do valor da venda, que representou quotas de capital dos próprios compradores e, a longo prazo, será buscada a estruturação e formação do espírito corporativo, pela natural seleção de liderança e técnica cooperativista.

ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

Programamos a organização territorial da Gleba na forma como poderá ser observada no mapa (Documento nº 4).

É fácil evidenciar o que se fez:

Serviços topográficos que possibilitaram traçar as locações das estradas nos divisores e a perfeita solução da água e da estrada para cada lote.

A posição dos centros de convergência comunitária, distribuída em distâncias regulares de 6 em 6 km, com raio de ação de no máximo 3 km.

O sistema viário completamente concluído com 912 km, de estradas, com serviços de conservação permanente, 120 m de pontilhões, mais de 300 bueiros, 70 metros de pontes, com mais de 7 metros de vão.

Quanto aos agrupamentos urbanos, o da **Cidade Vera**, projetada e construída como ponto de apoio dos bairros Marta e Rosa, que constitui a primeira parte, projetada para desenvolvimento de até 5.000 habitantes, conta, hoje, com infra-estrutura completa, tais como água, iluminação pública, arruamentos, igreja paroquial, ajardinamentos, ginásio, hospital, central de medicamentos, posto de saúde estadual, posto meteorológico de primeira classe, posto de gasolina, armazém da Cobal, 10 casas comerciais, tendo sido instalado o primeiro correio de CUIABÁ—SANTARÉM, além de população de 500 habitantes (Documento nº 5).

A cidade **Sta. Carmem**, ainda em execução, tem seu projeto definido para população de até 15.000 habitantes e será o ponto de apoio da segunda parte da Gleba CELESTE, constituída pelos bairros de **Kátia, Patrícia e Jussara**. A infra-estrutura já se alinha para a fase final, com seus serviços de arruamento, ajardinamentos, iluminação pública, escola e igreja (demonstração na Planta, Documento nº 6).

A cidade **SINOP** está localizada em posição para vir a ser “boca do sertão” de duas frentes econômicas: Cuiabá e Santarém.

A cidade **SINOP** está com suas ruas definidas, com serviço de iluminação pública concluído o hospital pioneiro em funcionamento; o escritório central da Companhia, a escola e a Igreja em fase de conclusão, enquanto se ultimam os projetos dos armazéns de produção, os escritórios da Cooperativa, bem como o abastecimento de água. Já se encontra em funcionamento, o hotel, com 25 quartos, 60 casas residenciais, 30 casas comerciais, delegacia de polícia, exatoria estadual, contando, presentemente, com 800 habitantes. Desenvolvem-se providências para a instalação de uma grande cerâmica, uma fábrica de papelão com investimento superior a Cr\$26.000.000,00.

Relatório da SUDAM acentua que nossos trabalhos apresentam antecipação, em nosso cronograma físico, de quase um período, circunstância que comprova a repercussão num plano muito concreto, da idéia nacional da necessidade da ocupação da Amazônia.

Na **SINOP** já se começa a exportar madeira, através de 9 serrarias, com produção de 700m³ de madeira serrada, que está sendo enviada para Cuiabá e São Paulo.

O projeto da cidade **SINOP** atende — assim como as outras — a um princípio de vida comunitária, fruto da excitação rural proposta, sem desprezar todo o partido da iniciativa independente, num sentido amplo que procura estabelecer os elos da corrente que a

cada um compete formar, para vencer a inércia e as dificuldades inerentes de um desbravamento.

A cidade foi considerada como polo da região, procurando equipá-la para população de até 150.000 habitantes (ver planta da cidade, evidenciando as suas zonas urbanas, Documento nº 7).

O ritmo de uma nova realidade se evidencia com tanta segurança, nos trabalhos de colonização, que a SINOP, como empresa, está eleita como órgão de interesse nacional.

A Cooperativa, que criamos, apresentou, no primeiro exercício financeiro, sobras ponderáveis e pelo seu balanço verifica-se aplicação de repasse a 150 agricultores, no valor de Cr\$5.500.000,00, o que evidencia estrutura de apoio, fruto do esforço da Colonizadora na organização dessa Cooperativa e junto às autoridades financeiras federais, contando com o concurso esclarecido da direção do Banco do Brasil S.A., assim como da compreensão e do zelo dos funcionários desse Banco, na agência de Cuiabá. Estes, conhecendo a Gleba e os trabalhos que ali se efetivam, axiliam o homem, induzindo-o a uma produção racional e técnica, provendo-o de insumos modernos, de morada, em cujo organograma se prevê o poço doméstico, bomba manual, o sanitário munido de fossa séptica, condições geradoras do estado psicológico de segurança pela habitação. Concorre-se para uma infra-estrutura agrícola através da Cooperativa e pela própria Colonizadora, ainda em sua missão tutelar.

A SINOP, juntamente com a cooperativa, elaborou e submeteu projeto para plano de ação global de cinco anos para 500 famílias, parte das já radicadas na Gleba CELESTE, cuja apreciação técnica se encontra no Banco do Brasil S.A.

Com a colaboração desse estabelecimento bancário, hoje o maior banco agrícola do mundo e o aceleramento do Estado de Mato Grosso, previsto pelo PIN (Plano de Integração Nacional), a experiência que estamos realizando, nessa Gleba, constitui, já, atualmente, uma prova do imenso e fascinante trabalho que se começa da ocupação amazônica.

AS CIDADES DA CELESTE

Estrategicamente situadas na Gleba, existem, já as três cidades que, pela ordem de importância, se situam com as seguintes denominações: **SINOP, Vera e Santa Carmem**.

Nas áreas urbanas existem recursos necessários a assegurar o bem-estar da população, assim como recursos para garantir o suprimento de bens de consumo e insumos.

Além do Hospital, Igreja, a Central de Medicamentos, Hotel, Cooperativa, Dentista, Grupo Escolar e um recém criado Ginásio, além de estabelecimentos comerciais. As cidades, com suas estruturas e serviços, funcionam como polos urbanos, que podem aglutinar o interesse dos moradores do meio rural. Para estes existem vários caminhões na Gleba, que fazem transportes de mercadorias. Há uma linha regular de ônibus, na Celeste, diariamente para Cuiabá e vice-versa. Todas as manhãs parte um ônibus da Gleba para Cuiabá e outro desta cidade para a CELESTE, passando pelas cidades de **SINOP, Vera e Santa Carmem**.

No que se refere a estradas — além da rodovia CUIABÁ—SANTARÉM — já estão abertos e são transitáveis o ano todo 912 quilômetros de estradas internas na CELESTE, que permitem o acesso aos lotes. Todo o lote é servido por estradas, que passam nos espigões e água, que corre nas baixadas.

Dois campos de aviação — respectivamente, com 1.000 e 1.200 metros, sendo um deles homologado e outro em vias de sê-lo — começam ambos a assistir a um crescente movimento de pequenas aeronaves.

Ao lado de algumas dessas referências e realizações de infra-estrutura, na Gleba, é imperioso salientar certos aspectos do campo de saúde. O Hospital da **Cidade Vera**, com o Posto da Central de Medicamentos, do Posto de Saúde da Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso e, ainda, o serviço da SUCAM, constituem um entrelaçamento de esforços que ainda se conjugam com os da Colonizadora SINOP, visando ao atendimento da crescente população que se vai instalando na CELESTE.

No setor da educação, aos trabalhos e realizações da Colonizadora e da Secretaria de Educação do Estado, aliam-se as Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria. Com o Ginásio N.S. do Perpétuo Socorro, na **Cidade de Vera**, as escolas dos centros de convergência comunitária e das cidades **Santa Carmem e SINOP** formam, já, uma população

estudantil de 690 alunos. Aos jesuítas foram conferidos os atendimentos sociais e religiosos, numa coordenação para a vida comunitária. Em outras colonizações procedidas pela SINOP tivemos, da parte desses jesuítas a melhor cooperação e os mais profícuos resultados.

Para servir e plasmar senso de congregação de esforços para o bem coletivo, criamos uma Cooperativa, que atende, inclusive, a execução de serviços de infra-estrutura rural e urbana. As inversões chegaram a Cr\$ 30.000.000,00, num fiel cumprimento das obrigações assumidas nos projetos apresentados ao INCRA e SUDAM, atestado, oficialmente, pelas vistas procedidas pelos órgãos federais, que concluíram que os trabalhos realizados na CELESTE constituem **escola de colonização**.

PRESEÇA HUMANA

À área colonizada conta, atualmente, com população de 3.500 habitantes, dos quais 1.300 situados nas **Cidades Vera, Santa Carmem e SINOP** e 2.200 habitantes na zona rural.

Os primeiros pioneiros estão presentes para um trabalho de conquista. A eles procura a Colonizadora dar consciência de que tem na empresa, um acervo de experiências pela via da colonização de muitas outras áreas territoriais.

O projeto de colonização que elaboramos foi processado à luz dos conhecimentos existentes e disponíveis. Além da viabilidade técnica, houve, por exemplo, a escolha das culturas, com a preocupação da ocupação integral da mão de obra, durante os 12 meses do ano. Foi procurada a mescla de determinadas culturas permanentes e anuais, ocupando a mão de obra, integralmente e eliminando a ociosidade estacional, com o que se regulariza o fluxo de entrada de dinheiro no curso do ano.

Ao lado disso, procurou-se tomar uma série de providências para alicerçar a exploração agropecuária da região. Conseguiu-se, através de convênio com o Departamento Nacional de Meteorologia, a instalação de Posto Meteorológico, onde a Colonizadora mantém dois funcionários para as leituras e transmissão dos dados coletados no Posto.

Providenciou-se levantamento dos solos da CELESTE. Centenas de perfis, com análises químicas e físicas, foram efetuados e, hoje, os solos da Gleba estão, total e minuciosamente, mapeados quanto à sua capacidade de uso.

Foram eleitos, prioritariamente, alguns assuntos a serem estudados pormenorizadamente, como, por exemplo, o tipo de culturas, variedades, épocas do plantio e manejo do solo. As experiências foram levadas a efeito durante dois anos agrícolas, com o que se obteve uma série de dados e informações que contribuem, ponderavelmente, para que o agricultor inicie seus trabalhos sob orientação que o afasta não somente do empirismo, como ainda o poupa de muitas experiências desastrosas.

A fixação de determinados conceitos como época de plantio, problemas de desmatamento e manejo do solo permitem à Colonizadora fornecer subsídios relevantes para a ação do agricultor, na Gleba.

AGRICULTURA NA CELESTE

Estão plantados, já, mais de 400.000 covas de café na Gleba. As espécies, em escala comercial, são o café arábica, variedades "Mundo Novo" e "Catuaí" e o café "robusta", variedades "Conilon" e "Guarani". Em caráter experimental, estão plantadas as espécies "congenis", "lautentii", outras variedades de robustas e o café "Icatu", que é resultante do cruzamento do arábica com o "robusta". Algumas covas, com 2 anos e 5 meses, já produziram este ano. A produção média foi de 25 sacos em coco, por 1.000 pés.

Acham-se montados experimentos sobre diversos sistemas de plantio de café (profundidade, espaçamento, número de pés por meio de "cova" e de competição de espécies e variedades).

O comportamento do café tem sido muito bom, superando a expectativa. Para os próximos anos já se prevê a continuidade dos plantios. Neste ano está em fase de sementeira o "viveiro", utilizando-se 600 kg de sementes de café, das variedades "Conilon" e "Mundo Novo", equivalente a 2.000.000 de mudas.

No plantio do arroz, a variedade comercialmente plantada é o IAC 1246. Experimentalmente estão sendo testadas as seguintes variedades: IAC 47, IR 665 e o IR 8. O comportamento geral tem sido satisfatório. Houve, no ano passado, problema na cultura de arroz, provocado por período de forte estiagem, ocorrida no mês de janeiro de 1973. De todas as variedades citadas, as que se têm mostrado mais promissoras são o IAC 1246 e a IAC 47.

A cultura da mandioca tem-se revelado extremamente adaptável à região. O rendimento tem sido ótimo. Devido a fatos de haver revolvimento natural do solo e no plantio e arrancamento dessa cultura, pensa-se em estabelecer rotação com outras, que se beneficiariam com o revolvimento do solo, realizado pelo plantio da mandioca.

No que se refere às pastagens, os capins "colonião" e "jaraguá" e a grama "Branchiaria" têm mostrado bom comportamento. Nas baixadas, o capim "gordura" está com bom desenvolvimento.

Tem-se testado algumas leguminosas para a consorciação com as gramíneas, destacando-se, entre elas: "Stylozantes", "Centrosema", "Soja Perene", "Galácia" e "Siratro". A que melhor comportamento tem mostrado é o "Siratro" e o "Stylozantes".

Têm sido ótimos os resultados da cultura da cana. Diversas variedades como o IAC 52-326; CB 41-76, IAC 205, CB 47-355, NA 56-62, apropriadas para a região, foram adquiridas e trazidas da Estação Experimental de Araras, do I.A.A. Estão sendo realizados testes de competição de variedades, multiplicação e distribuição das melhores. Foi elaborado trabalho sobre a viabilidade do cultivo e industrialização da cana-de-açúcar na região.

Está no rol das culturas que se comportam e produzem muito bem na área, o amendoim. A variedade é a "Tatu".

No que se refere ao feijão, em solos já trabalhados, cresce e produz relativamente bem. Em solos recém-desbravados, o comportamento não é bom. Dentre as variedades, o que tem melhor produzido é o "Rosinha" e, em segundo lugar, o "Preto". A melhor época do plantio é fevereiro em diante, mais no fim do período chuvoso.

O "macassar", também chamado "feijão de corda", vem sendo plantado na CELESTE. Foram trazidas sementes de Belém. Comporta-se muito bem, produzindo durante o ano todo, principalmente nas partes úmidas.

Existe área experimental plantada há cerca de 1 ano com cacau. Testa-se a cultura a pleno sol e "sombreada". Até o momento, a cultura a pleno sol vai melhor. Mais mudas estão sendo formadas e, dentro de meses, o número de cacauzeiros plantados será aumentado. O material genético é constituído por híbridos de alta produtividade procedentes do IAC.

A "Gmelina Arbórea" é essência florestal de crescimento rápido e ótima para fabricação de papel. O comportamento inicial é qualificado de bom.

Foram plantadas, recentemente, mudas de guaraná, trazidas de Manaus. Fato inédito e pioneiro é que se transportou e plantou-se uma quantidade de mudas de raízes nuas, com sucesso, pois o "pegamento" foi acima de 80%. Está programada a aquisição, em janeiro próximo, de sementes selecionadas de guaraná, para a formação de um grande viveiro de mudas.

O sorgo está sendo plantado em caráter experimental. Plantaram-se duas variedades, de origem americana, sendo uma de ciclo médio e outra de ciclo longo. O comportamento não foi bom.

O milho tem ido bem apenas nas baixadas e nas áreas onde o solo é atendido, antecipadamente, por uma "cobertura morta". Diversas variedades têm sido cultivadas experimentalmente, como os híbridos 6999, 6974, "Maia Centralmex", "Piramex". Para o próximo ano agrícola, o milho deverá ser um dos principais a merecer atenções e ser objeto de pormenorizados estudos.

Em termos ecológicos, a área possui bom potencial para o cultivo da seringueira. Alguns contatos foram mantidos com os técnicos da ACARMAT, que trabalham com aquela cultura, para estudar a viabilidade de, num futuro próximo, executar, com alguns cooperados, plantios de seringueira, através do Programa de Incentivo à Produção de Borracha Vegetal, assim que este for reativado.

Para o cultivo do fumo, foram mantidos contatos com a "Souza Cruz", que enviou técnico à Gleba. Ao fomento da cultura programam-se testes e viveiros experimentais

para 74/75, sob assistência técnica direta da citada empresa. O fumo de corda da variedade "Goiano" é plantado, comercialmente, por lotistas, com absoluto êxito.

O tomate desenvolve e frutifica bem. Por paradoxal que possa parecer, as plantações não têm apresentado doenças.

Em termos de frutíferas, o abacate, goiaba, manga, cítrus, caju, abacaxi, maracujá vêm sendo cultivados com bom desenvolvimento e frutificação inicial. Pensa-se, neste particular, na instalação de indústrias para processamento da futura produção.

Comercialmente, plantaram-se as variedades de mamona "Guarani" e a "Argentina". Experimentalmente, há plantações de IAC 38 e "Campinas". As duas primeiras mostraram-se bem mais produtivas.

Quanto ao algodão, estão sendo feitas, comercialmente, pequenas plantações, com a variedade IAC 13, com resultados razoáveis.

Experimentalmente, plantaram-se as variedades IAC RM-4, IAC RM-3, "Rim de Boi" e o tradicional algodão "Seridó".

A soja está plantada, somente, em escala experimental. As variedades cultivadas na região centro-sul do país mostraram sensibilidade ao fotoperiodismo florescente e frutificando muito pequenas. Apesar disso, a variedade "Hardy", "Viçoja" e "Santa Rosa" produziram razoavelmente, embora tenham ficado com pequeno porte, o que viria a dificultar, futuramente, a colheita mecânica. Introduziu-se a soja das Filipinas, com variedades próprias ao cultivo nessas latitudes. Os resultados preliminares são ótimos. Para o próximo ano agrícola, deverão ser testados mais de 60 híbridos criados pelo IAC e apropriados ao cultivo nas regiões de latitude semelhantes à da Gleba CELESTE.

80% DA ÁREA VENDIDA

A Colonizadora SINOP S.A. admite perspectivas de muito futuro para a extensão territorial na qual iniciou a colonização há dois anos, na sua parte inicial. Mais de 80% (oitenta por cento) já pertence aos próprios cooperados, posto que esse é o percentual vendido. A ocupação está se processando menos rapidamente, já que existe população rural de 2.200 habitantes, cerca de 700 propriedades podem ser consideradas ocupadas, estando com os trabalhos de abertura e exploração efetivados.

Numa projeção realista, admitindo como constante o fluxo de ocupação, é possível estimar, para o ano agrícola 74/75, a ocupação de mais 500 (quinhentas) das propriedades em que foi subdividida a área, havendo a firme crença de que, para 1977/78, será concluída a ocupação da área. Isto determinará a emancipação do Projeto de Colonização, verificando-se antecipação de 5 anos da conclusão prevista no Projeto apresentado ao INCRA e SUDAM.

AGRICULTURA COMO BASE TÉCNICA

A equipe técnica da Colonizadora SINOP S.A., diante desse quadro, resolveu infletir as melhores preocupações ao setor agrícola, entendido como fundamental. Um ponto inicial foi avocado à Cooperativa, ou seja, a responsabilidade de orientação global e individual para a implantação gradativa das explorações.

Para a execução desse trabalho, partiu-se da premissa da necessidade da implantação em bases técnicas corretas. Procura-se eliminar as falhas e desvantagens que apresentaram os desbravamentos tradicionais, procurando-se, principalmente, a preservação do solo, uso de sementes selecionadas, emprego racional de defensivos, manutenção do equilíbrio ecológico, nomeadamente, por se tratar de região da qual se tem poucas e contraditórias informações.

Dentro desse esquema, a preocupação fundamental foi de disciplinar o número de explorações agropecuárias iniciais, com a finalidade de trabalhar com margem de razoável segurança. Para essa disciplina foram utilizados os conhecimentos técnicos existentes e o financiamento.

Dessa maneira, em 73/74 foram liberados 150 financiamentos, com aval da Cooperativa, baseados nas seguintes explorações: pastagem, arroz, mamona e mandioca, que apresentaram comportamento capaz de garantir a liquidação do financiamento (arroz, 940 ha; pastagem, 960 ha; mamona, 192 ha; mandioca, 360 ha). Ainda em 73/74, a Cooperativa desenvolveu experimentações visando a ampliar o rol de explorações viáveis. Como resultado, já poderão ser incluídas nos próximos financiamentos as culturas de amendoim, cana-de-açúcar, fumo, soja, feijão, frutíferas em geral (abacaxi, maracujá, caju, cítrus, manga). Espera-se ampliar, para os próximos anos, o número de opções, diversificando as explorações agropecuárias. Baseado nas experimentações, promove-se o "viveiro" de cacau, guaraná, "gmelina arbórea", café, para a venda de mudas para o ano 74/75.

A GRANDE RIQUEZA: O SOLO

Com um passado de experiência que trouxemos de outras colonizações, somamos, já agora, resultados colhidos com os trabalhos feitos na CELESTE. Com essa somatória de dados e fatos, foi possível identificar e caracterizar alguns pontos importantes relativamente à capacidade da terra e recomendações que fazemos para seu manejo, evitando-se o empirismo e algumas práticas tradicionais, que consideramos imprescindível evitar.

Fornecemos ao "lotista" o amparo de uma tecnologia que o auxiliará, grandemente, a atender à sua maior riqueza: o solo.

A CELESTE apresenta, no seu conjunto, grande uniformidade na topografia, de forma suavemente ondulada, com seus córregos e riachos perenes, quase todos de "caixa funda". O solo é revestido de mata densa, tendo suas características físicas e químicas analisadas e mapeadas.

Face às suas características, recomenda-se, como imperiosa, a queima bem feita das derrubadas. A destoca, após dois anos, apresenta-se relativamente fácil, o que permitirá rápida implantação de trabalhos mecanizados, considerados essenciais, pois os solos apresentam teor de argila bastante elevado (50%), precisando de intenso revolvimento para facilitar a aeração e, conseqüentemente, um aproveitamento dos nutrientes. Temos notado acentuada melhoria na capacidade produtiva da terra, com a incorporação de calcário, fato que abre perspectivas favoráveis à implantação de moinhos de calcário nas regiões próximas (Nobres, 410 km). Em projeto de tal envergadura, não se elimina a necessidade da fertilização da terra, prática que o Governo Federal tem consciente sua necessidade, tanto que já promove a instalação de um Terminal de Adubos em Santarém.

CAMINHOS DA AGRO-INDÚSTRIA

Um complexo de situações reais, já observadas na Gleba, impõe o interesse que se desperta para a agro-indústria. Assim, o volume crescente de produtos agropecuários, seu melhor aproveitamento, vantagens da comercialização, são fatores que, aliados à posição do meio em que se encontra a área, determinaram as primeiras providências visando à motivação de interesses para a industrialização da cana-de-açúcar, da mandioca, tomate e frutíferas. Com esse sentido, foram mantidos contatos com o IAA, bem como com a "Copersúcar" (Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo) e usineiros independentes. Processam-se, assim, estudos preliminares para a instalação de fábrica de farinha de mandioca e raspa peletizada. Estabelecemos conversações com titulares de fábricas de doces e derivados de tomate (Paoletti e Cica), com o intuito de estudar as viabilidades de instalações que promovam a transformação do tomate, goiaba, manga, caju, abacaxi e outras frutas.

A exploração pecuária está valendo-se do sistema em andamento na região e decorrente dos empreendimentos agropecuários promovidos pela SUDAM, num esquema de industrialização já em execução, com a implantação de frigoríficos por firmas especializadas.

PRESENÇA DA REALIDADE HUMANA

A experiência da colonização da Gleba CELESTE, ao longo da Cuiabá-Santarém, é, para a Colonizadora SINOP S.A. muito mais que a reedição de tantos passos que já demos de conquista, desbravamento, pioneirismo e criação de núcleos rurais e cidades no interior brasileiro, principalmente no norte do Paraná.

Entendemo-la como contribuição à maior aventura que o Brasil dos nossos dias está realizando, coerente com sua história de conquista pacífica, pelo trabalho construtivo da posse das imensidões de seu território.

A soma de conhecimentos que possuímos, em cinco lustros de existência como empresa colonizadora, não poderia ficar à margem das preocupações nacionais — do povo e do Governo — no sentido de que a Amazônia permanecesse esquecida e envolvida pelos mitos do medo, em torno de sua ocupação.

A Gleba CELESTE, um dos pontos de trabalho que realizamos dentro da gigantesca saga da presença humana brasileira nas imensidões amazônicas, já movimentou o convite a mais de 20 mil colonos, que estiveram, sob nossos auspícios, vindos dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e do Espírito Santo.

Somos um ponto apenas, no grande esforço da Nação que busca, na coragem dos bandeirantes, a reedição — agora nas terras do Amazonas — de um gesto que ficou na História do Brasil. A compreensão dos nossos tempos atuais e o destino que antevimos do nosso futuro reclamavam, de nós, a contribuição que tínhamos que dar para que fizéssemos a presença brasileira nessas vastidões verdes.

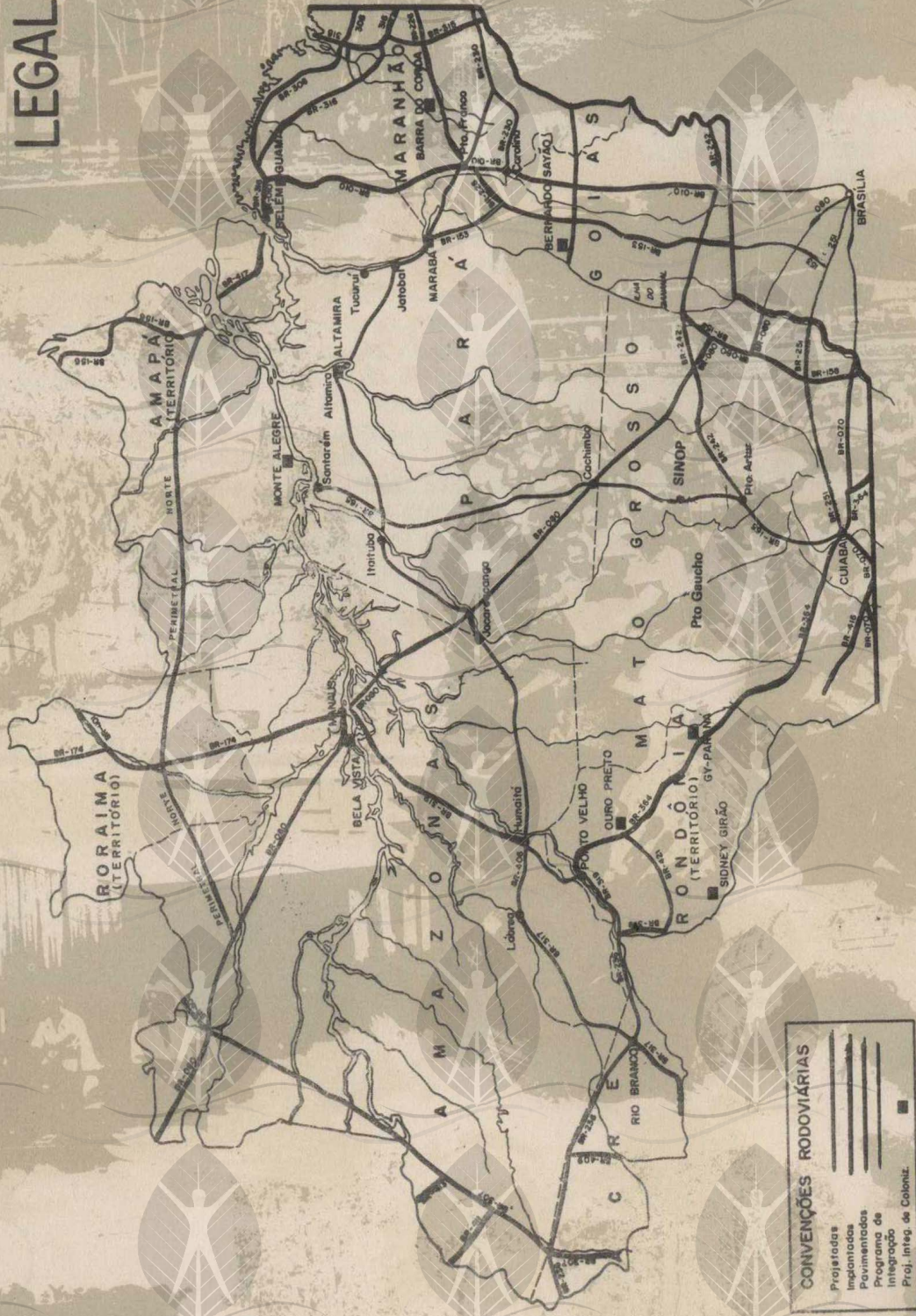
A realidade da Gleba CELESTE, no que nos custou de trabalho e de idealismo, aí está como um convite a todos para que, juntos, plantemos, na Amazônia, a afirmação da força do povo e de nossas instituições.



DOCUMENTOS

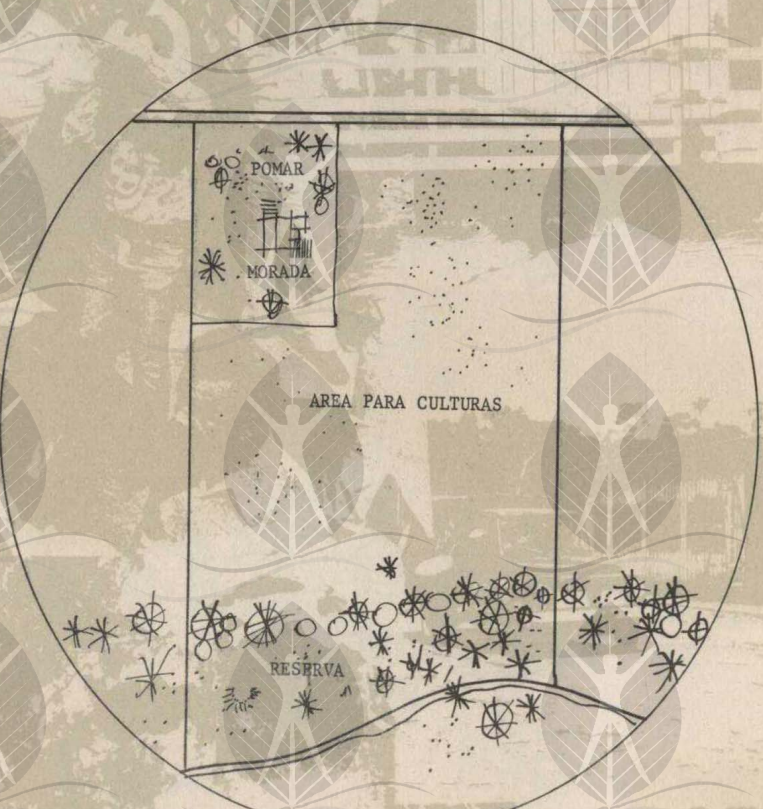
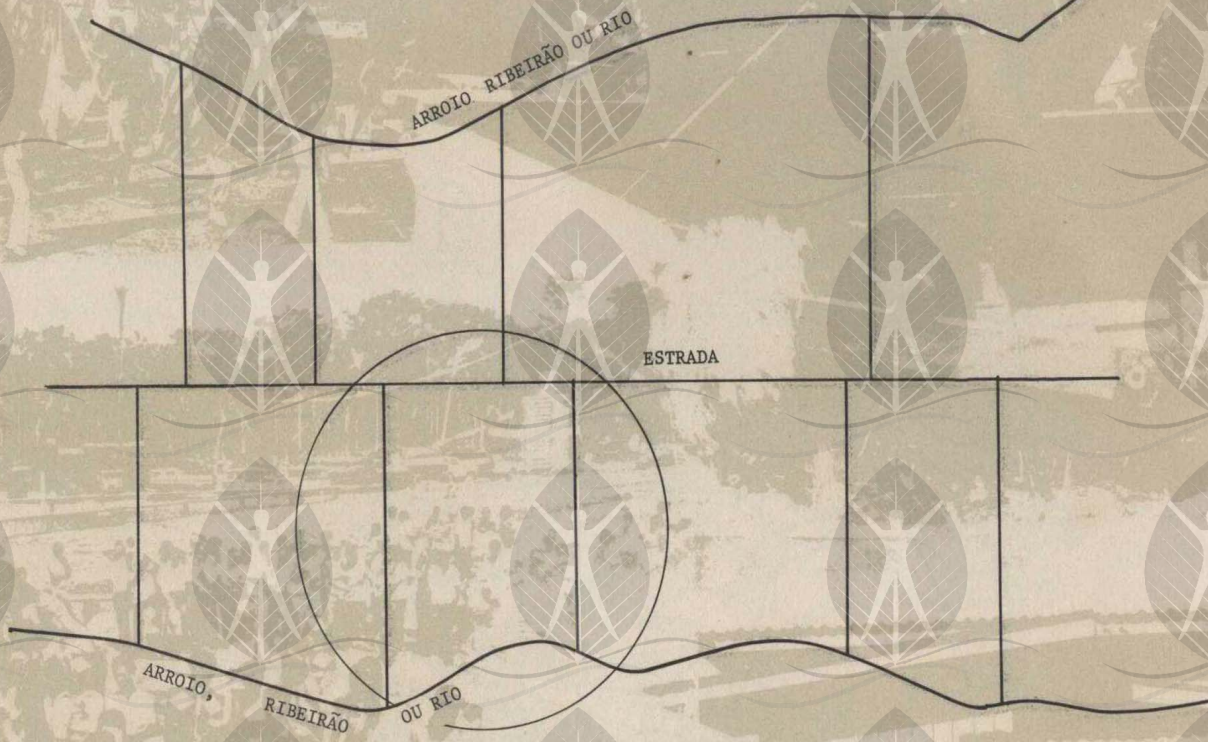
AMAZÔNIA LEGAL

DOCUMENTO 1

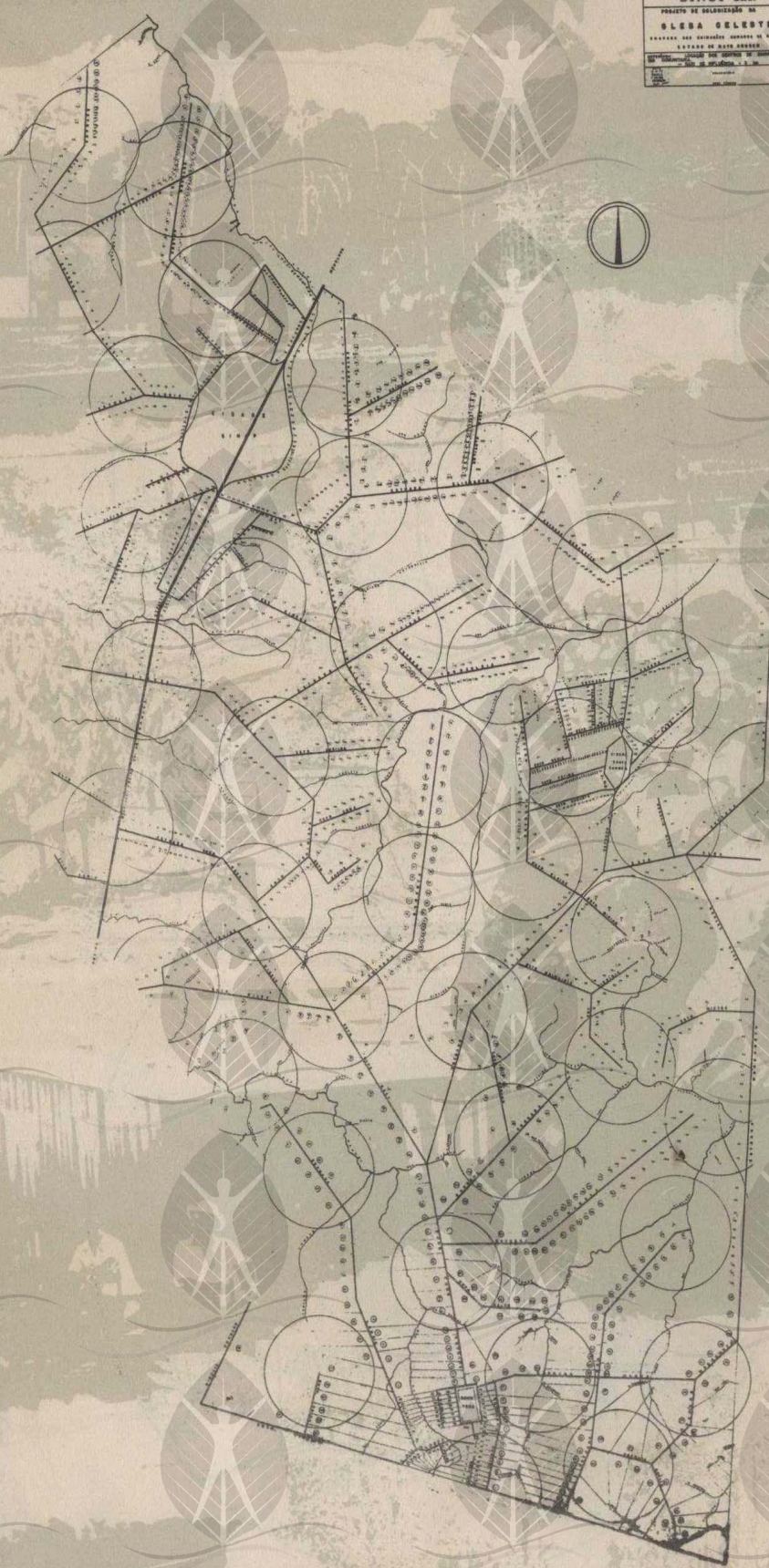


CONVENÇÕES RODOVIÁRIAS

- Projetadas
- Implantadas
- Pavimentadas
- Programa de Integração
- Proj. Integ. de Cobenz.



**COLONIZADORA
SINOP S.A.**
PROYECTO DE COLONIZACIÓN EN
QUEBRA CELESTE
ESTADO DE SANTA FE
MAYO 1950
Escala: 1:50,000



DOCUMENTO 3

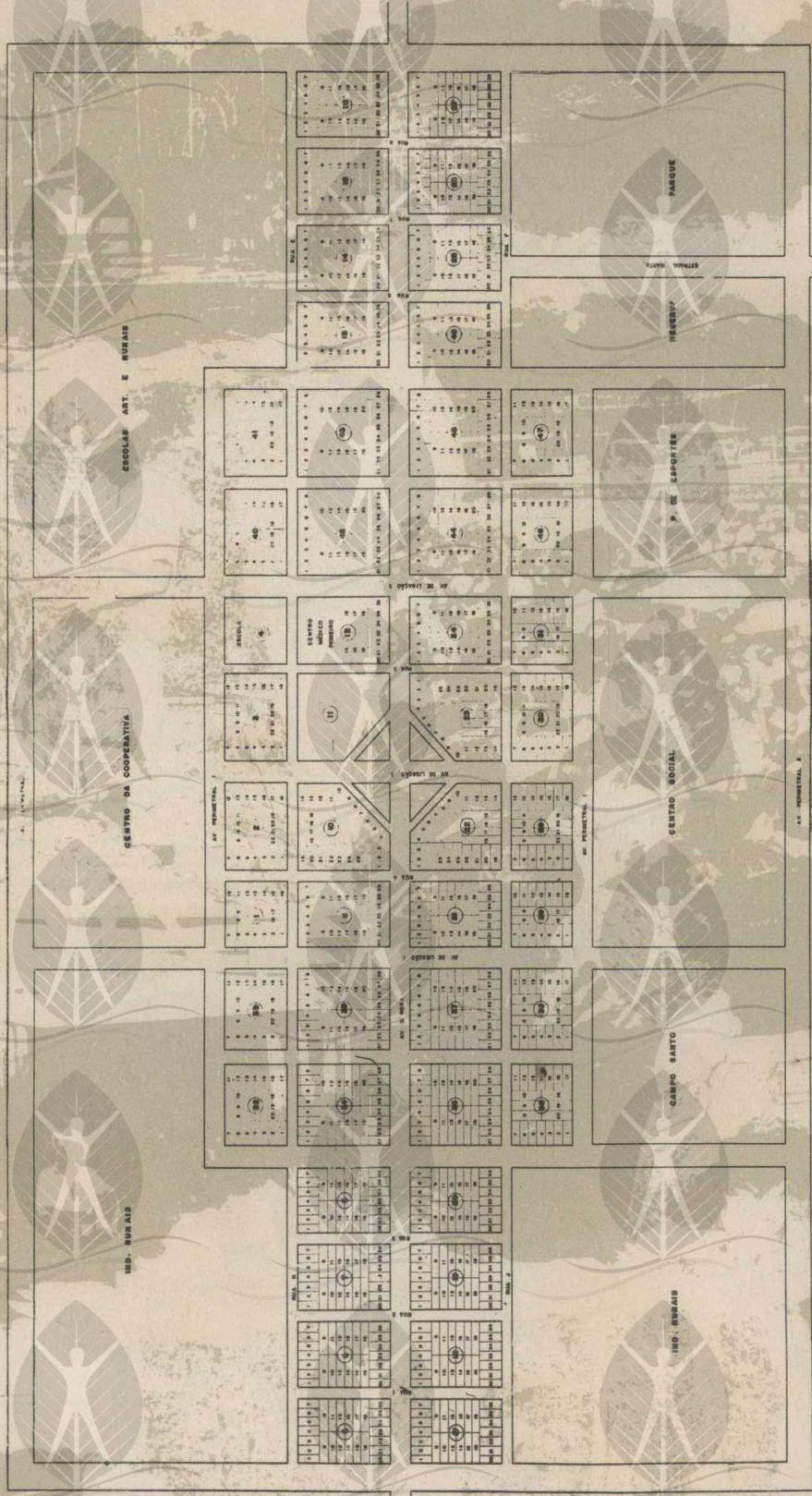
TRAVO
A PROPI

**COLONIZADORA
SINOP S.A.**
PROYECTO DE COLONIZACION DE
QUEVEDO SELESTE
CANTON DE LOS RIOS, PROVINCIA DE LOS RIOS
REPUBLICA DEL ECUADOR



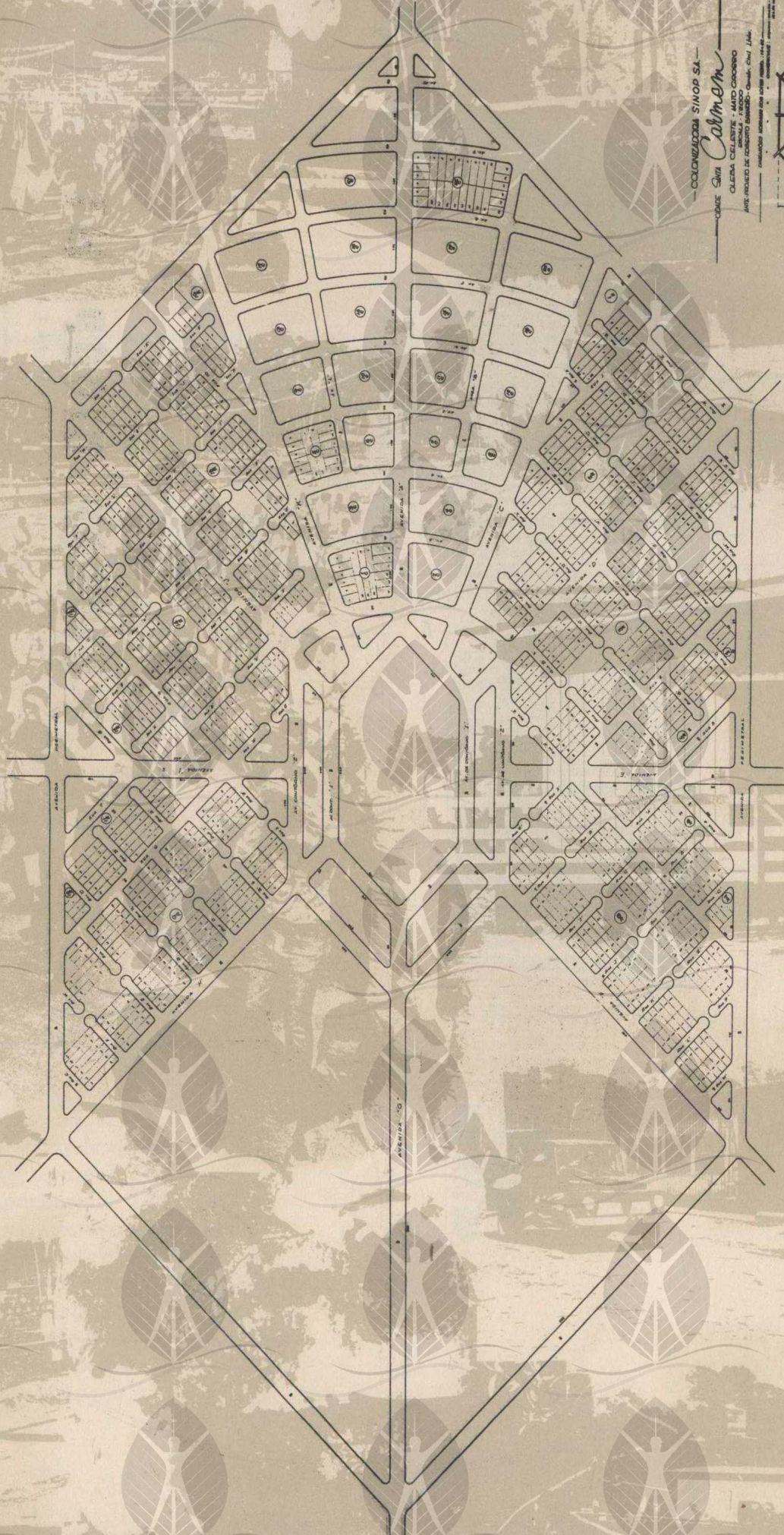


DOCUMENTO 5

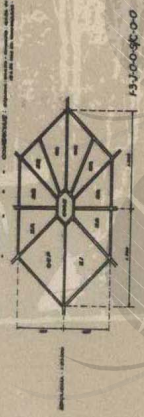


EFAVOR
L-4 P-00711

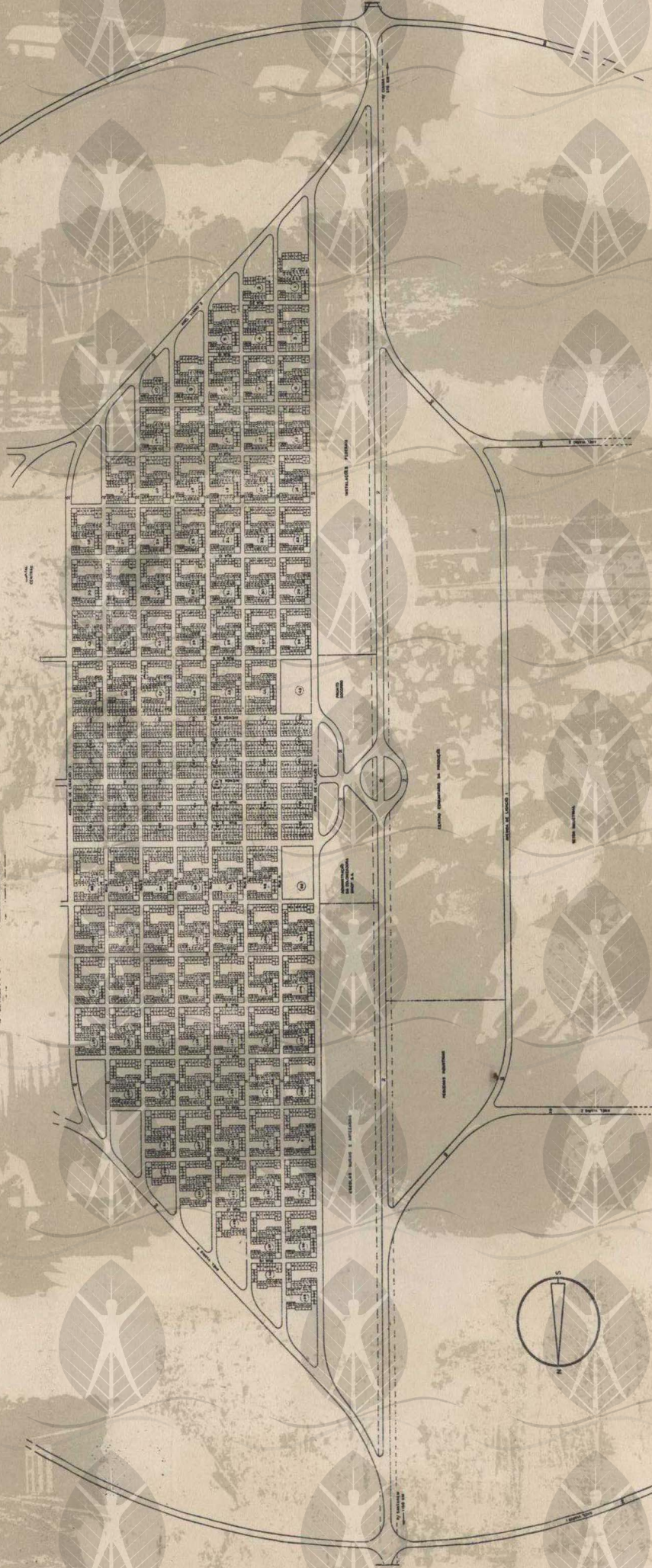
MARSAVALE



COLONIZADORA SIMOP S.A. —
 CALLE SANTI CALMEN
 CLELIA CELESTE - AMATO CROBBO
 AVILA - VIBROCO
 AVIC PROYECTO DE COLONIA SUBURBIO - QUITA - CHILE - 1964



DOCUMENTO 6



CIDADE SINOP MT

REALIZAÇÃO DA COLONIZADORA SINOP S. A.

ESCALA 1:5000

PROJETO: INGENHEIRO BRUNO CANTARELLA, CREA 1734

DIRETORIA

Diretor Gerente: ENIO PIPINO

Diretor Gerente: JOÃO PEDRO MOUREIRA DE CARVALHO

Assistente da Diretoria: NILZA DE OLIVEIRA PIPINO

DEPARTAMENTO FINANCEIRO

Professor: JOSÉ DE CASTRO DÓRIA

Economista: ISIDORO SOARDIS

Economista: JULIO CESAR DE OLIVEIRA

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO

Engenheiro Civil: ROBERTO BRANDÃO

Engenheiro Agrônomo: ANTONIO E. BRANDÃO

Técnico: SATÃO WATANABE

DEPARTAMENTO DE AGRONOMIA

Engenheiro Agrônomo: NEWTON RIBEIRO DE LIMA

Engenheiro Agrônomo: JOSÉ CARLOS GONÇALVES

Técnico Agrícola: JOSÉ CARLOS SANTANA

Técnico Agrícola: RAYMUNDO ROBERTO FERNANDES

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Dr. JAYME FERNANDES

Dr. AMÂNCIO JOSÉ RODRIGUES

DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO DO PROJETO

ULRICH EBERHARD GRABERT

EGIDIO BERTOLETTI

DEPARTAMENTO COMERCIAL

ASCÂNIO BAPTISTA DE CARVALHO

WLADEMIR PIPINO

JOÃO PEDRO LOUREIRO DE CARVALHO

DEPARTAMENTO DE VENDAS

Dr. ILSÃO DE MELLO

THEODOR SCHWARZ

ANTONIO CARLOS PITOMBO

ADÃO CAUS COSTA

MAURO DE MORAES

MANOEL AGOSTINHO DO NASCIMENTO

ÁLVARO RIBEIRO COELHO

JOSÉ CAMILO PAUTE

LUIZ CARLOS DE MATOS

IVANILDO BRONHOLLI

SONIA MARIA GIMENES

MARINA DE OLIVEIRA

DEPARTAMENTO MÉDICO

Dr. JOÃO MIRANDA FILHO
Dr. DELMAR MARTINS DE MEDEIROS
Dr. ANTONIO FIGUEIREDO
Enfermeira: IRMÃ ADELIS
Enfermeiro: OSWALDO JOSÉ DA COSTA

DEPARTAMENTO DE COORDENAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

Dr. CLAUDIMIRO MOREIRA DE CARVALHO
FRANCISCO RUIZ

DEPARTAMENTO AEROVIÁRIO

Comandante: ALVARO CAMPOS DE OLIVEIRA
Manutenção: GERMANO COSTA PINHEIRO
ISMAEL FERREIRA

SECÇÃO DE TOPOGRAFIA

CARLOS BENITO MARTINS SPADONI
TAYME MARTINS SIQUEIRA

SECÇÃO DE MÁQUINAS

MARCOS ANTONIO GIAMINI
JOSÉ MARIA MOREIRA PINTO
VITORINO FRANCISCO DE LIMA
AURELIANO ALMEIDA DE OLIVEIRA
DORICO DE JESUS RAPE

DEPARTAMENTO DE COMPRAS

OSWALDO PIPINO
ARMANDO ROSSI
ELISÁRIO COELHO CASTILHO

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE

OSWALDO BATISTA NEVES
ALUIR RIBEIRO DOS ANJOS
ISAURA PAULINO
SOLEDADE GIMENES
ROSENDO BOTASSIO
CESAR A.M. DA SILVA
JOSE VIRGILIO CAMPANER
LAWRENCE COELHO CASTILHO
CARLOS JOSÉ VERONEZZI
ELIAS DOMINGOS COLOMBO
MONCLAIR FERREIRA
WILSON JOSÉ BARIONI

CUIABA – MT

Rua Gen. Valle, 296 – FONES 2269 – 3493

MARINGÁ – PR

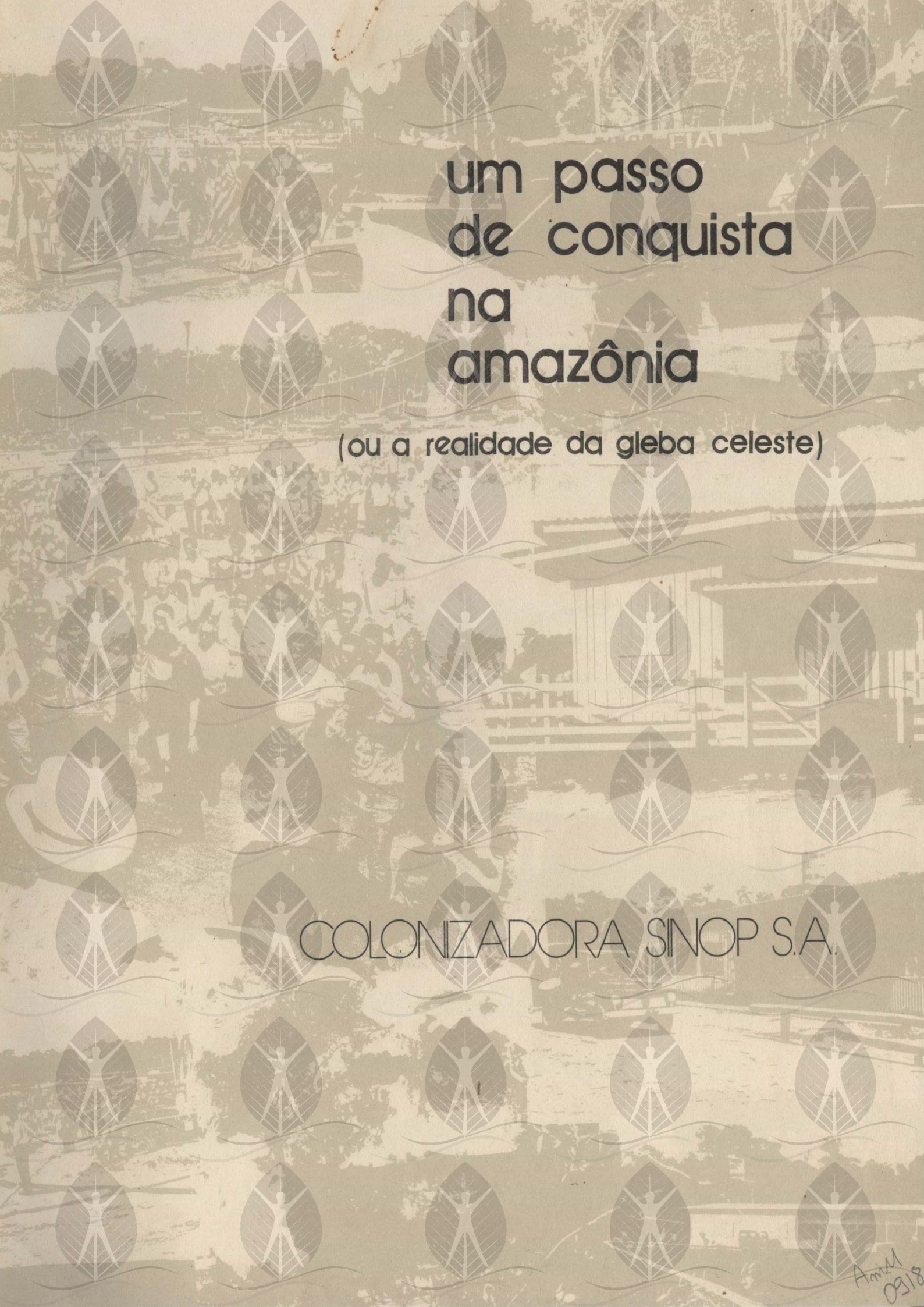
Av. Getúlio Vargas, 55 – FONES 0442 – 2-3426
2-1152

SÃO PAULO – SP

Rua Xavier de Toledo, 296 – 2º – s/203 – FONE 011-36-1392

CURITIBA – PR

Rua Conselheiro Laurindo, 441 – 1º – FONE 0412 – 24-7024
22-8421



um passo
de conquista
na
amazônia

(ou a realidade da gleba celeste)

COLONIZADORA SINOP S.A.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA